

O homoerotismo latino em versos: desejo e poesia entre os romanos antigos

El homoerotismo latino en versos: deseo y poesía entre los romanos antiguos

CARVALHO, R. et al. (Ed.). *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 288 p.

Filipe Noe da Silva*

Recebido em: 06/08/2018
Aprovado em: 23/09/2018

Não seria demasiada a afirmação de que o tema do homoerotismo está presente na maior parte da literatura latina da Antiguidade que chegou até os dias atuais. As relações homoeróticas observáveis, por exemplo, nos escritos de Catulo, no *Satyricon* de Petrônio, nas biografias de Suetônio, e até mesmo na tardia *História Augusta*, atestam a longevidade do tema em gêneros textuais distintos, nas composições em verso e prosa de épocas separadas, por vezes, pelo espaço de muitos séculos. Diante de tal amplitude e variação, elaborar uma obra temática – sobre o homoerotismo ou qualquer outra matéria – a partir da tradição textual antiga, sem dúvida, constitui uma tarefa notável e que exige um conhecimento aprofundado da documentação por parte de seus proponentes.

É a erudição acerca da poesia e língua latinas que caracteriza o livro *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. Publicada na coleção *Clássica* pela editora Autêntica, em 2017, a obra – dividida em “Prefácio”, “Apresentação” e um longo núcleo principal intitulado “Poemas” – apresenta ao público uma antologia bilíngue (latim-português) de poemas latinos variados que tratam precisamente da temática do homoerotismo. Sobre a escolha das poesias tratadas na obra, Guilherme Gontijo Flores (2017, p. 21) esclarece que “[...] a poesia satírica, jâmbica, os epigramas invectivos, a Priapeia estão excluídos. De qualquer modo, abarcamos aqui uma série de gêneros e subgêneros da poesia antiga, como a épica, a bucólica, a elegia, o epigrama e a lírica [...]”.

* Doutorando em História Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari.

Em "Poemas", o conteúdo poético do livro é apresentado em subdivisões individuais, e cada escritor latino (Valério Edítuo, Pórcio Licino, Quinto Lutácio Cátulo, Tito Lucrécio Caro, Catulo, Virgílio, Horácio, Tibulo, Sexto Propércio, Ovídio, Petrônio, Marcial, Estácio, Apuleio, Valério Flaco, Plínio, o Jovem, e outros) é tratado de maneira individual. Os organizadores (e tradutores) oferecem ainda uma nota introdutória à sua respectiva tradução, de modo que o/a leitor/a possa ter um conhecimento prévio acerca do poeta, do gênero textual e da época em que o poema foi produzido. Este mesmo padrão textual, aliás, se mantém na tradução das inscrições epigráficas (Apêndice 01 e Apêndice 02 da obra), oriundas das paredes de Pompeia, e no texto grego de autoria atribuída a Aulo Gélio, autor datado entre os anos 130 e 180 E.C. O equilíbrio entre uma tradução qualificada (e respeitosa aos pormenores poéticos do texto original) e a fluidez esperada de um texto voltado também ao público não especializado no ramo da Filologia Clássica, ademais, é patente ao longo de toda obra.

O "Prefácio: o amor dos homens", de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior (2017, p. 7-11) e a "Apresentação: que cada um cante seu amor", de Guilherme Gontijo Flores (2017, p. 13-23) também são dignos de menção, pois oferecem orientações que podem prevenir o leitor desavisado de projetar à Antiguidade romana conceitos e percepções originadas no mundo moderno e que não encontrariam guarida noutra realidade histórica. Já em suas primeiras considerações, Flores (2017, p. 13), seguindo os caminhos outrora abertos pelos volumes da *História da Sexualidade* de Michel Foucault (1984), rejeita a utilização de conceitos modernos de homossexualidade e heterossexualidade na interpretação das sociedades antigas. Tal postura, ainda recorrente em muitos estudos, é salutar e compatível com pesquisas recentes que aludem ao fato de que a constituição de identidades fixas, baseadas no envolvimento com pessoas de um ou de outro sexo, é uma prática moderna e sem paralelos nas sociedades antigas (FOUCAULT, 1984, p. 237; FUNARI, 2001, p. 55; PINTO, 2011, p. 58).

Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina trata-se, em suma, de uma obra que pode contribuir para as pesquisas que se debruçam sobre as relações homoeróticas na Antiguidade. Como podemos observar nos importantes estudos de Peter Brown (1990, p. 35-36), Eva Cantarella (1991, p. 134) e Craig Williams (1999, p. 18), há um predomínio de interpretações históricas sobre o homoerotismo romano pautadas sobretudo nos chamados protocolos romanos de masculinidade, em ideais morais de dominação, agressividade, penetração e poder – mas também comedimento e autocontrole – esperados como postura padrão de um cidadão no âmbito dos prazeres. Na obra em questão, contudo, o amor e o desejo homoeróticos ganham nuances poéticas próprias, e que tampouco se restringem à oposição entre penetradores e penetrados.

Referências

- BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CANTARELLA, E. *Segun natura: la bisexualidad en el Mundo Antiguo*. Madrid: Akal, 1991.
- FLORES, G. G. Apresentação: que cada um cante seu amor. In: CARVALHO, R. et al. (Ed.). *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 13-26.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal; Paz e Terra, 1984. v. II.
- FUNARI, P. P. A. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2001.
- GOUVÊA JÚNIOR, M. M. Prefácio: o amor dos homens. In: CARVALHO, R. et al. (Ed.). *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 7-11.
- PINTO, R. *Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- WILLIAMS, C. A. *Roman homosexuality: ideologies of masculinity in Classical Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 1999.